

# SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA ATRIBUIDOS POR ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

## MEANINGS OF UNIVERSITY GRADUATE ATTRIBUTED BY STUDENTS OF PSYCHOLOGY

Alexandre da Silva de Paula<sup>1</sup>  
Éder Aparecido de Carvalho<sup>2</sup>  
Leandro Cimonetti de Almeida<sup>3</sup>  
João Paulo de Lima Rocha<sup>4</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa avaliou os significados da formação no ensino superior atribuídos por alunos de um curso de psicologia do último período. Para a coleta de dados foram aplicados questionários sociográficos e entrevistas abertas com roteiro semiestruturado em cinco universitários do bacharelado em psicologia. Os discursos foram organizados em categorias temáticas, segundo a técnica denominada Análise de Conteúdo. A análise do material empírico indicou o confronto entre o nível teórico e o nível prático da formação universitária. Nessa tensão, os alunos afirmaram a importância dos estágios supervisionados, do vínculo com os professores e de um melhor aproveitamento nas aulas teóricas. Os resultados apontam para sentimentos como a insegurança, a incerteza e a ansiedade diante de um momento decisivo para vida que é a conclusão de um curso no Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Formação de Psicólogos. Ensino de Psicologia.

### ABSTRACT

This research evaluated the significances of college graduation attributed students of Psychology. Data collection was obtained by means of questionnaires and open semi-structured interviews with five undergraduate psychology students. The speeches were organized into thematic categories, by content analysis. The analysis of empirical data indicated the confrontation between the theoretical and practical levels of university education. As a result of this confrontation, students reported the importance of supervised training, the relationship with the teachers and a better use of the theoretical material. The results reveal feelings of insecurity, uncertainty and anxiety when facing an important moment of their lives: the conclusion of a graduation course.

**Keywords:** Higher Education. Psychologists' Formation. Psychology Teaching.

---

<sup>1</sup>Doutor em Psicologia pela USP/FFCLRP. Docente no Centro Universitário de Votuporanga (UNIFEV). Psicólogo Escolar no IFSP, Campus Votuporanga. [aledpaula@outlook.com](mailto:aledpaula@outlook.com)

<sup>2</sup>Doutorando em Ciências Sociais pela UNESP - Campus Araraquara Docente da Faculdade Futura (ICETEC) e Assistente Social do IFSP, Campus Votuporanga. [carvalhoeder@hotmail.com](mailto:carvalhoeder@hotmail.com)

<sup>3</sup>Psicólogo pelo Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV. [leandroc.psic@gmail.com](mailto:leandroc.psic@gmail.com)

<sup>4</sup>Psicólogo pelo Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV. [J.limarochoa@hotmail.com](mailto:J.limarochoa@hotmail.com)

## **Introdução**

Este estudo aborda os significados da formação universitária atribuídos por estudantes de um curso de Psicologia. Para a introdução da temática, adotou-se uma abordagem histórica, a qual perpassa os desafios e perspectivas para a psicologia em sua consolidação enquanto ciência e profissão. Trata-se de um estudo que vai em direção a pautas urgentes para os futuros profissionais da saúde mental que precisam, efetivamente, adquirir conhecimentos sólidos para alcançarem êxito na atuação profissional. Com relação ao ensino de psicologia, Bastos e Gomide (1989, p. 7) já alertavam que:

Parte das razões que levam pessoas a cursarem psicologia não garante, necessariamente, seu ingresso no mercado de trabalho enquanto psicólogos. Se agregarmos a isso o contingente dos que se “desiludem” com o curso, ou que fazem outros cursos paralelos com melhores chances no mercado, talvez encontremos uma defasagem [...] que é, sem dúvida, um sintoma da crise maior do nosso sistema universitário e, no nosso caso em particular, da ausência de uma política mais global para a formação de psicólogos no país, que atenda às peculiaridades regionais.

Chamando a atenção para o tema proposto, Lisboa e Barbosa (2009) afirmam que a formação inicial nos cursos de psicologia tem se mostrado alheia a um tipo de aprendizagem pautada na resolução ativa de problemas. Cruz e Schultz (2009) argumentam que a reforma curricular precisa dar ênfase às competências identificadas como importantes para atender as demandas do mercado de trabalho. Para as autoras, cabe o destaque para as competências relacionadas à ética na profissão, à comunicação e ao relacionamento social.

Para a compreensão de tais lacunas nos cursos de graduação em psicologia, faz-se necessária uma síntese histórica da área no ensino superior brasileiro. A psicologia foi reconhecida como profissão no país em agosto de 1962. O primeiro curso de formação de psicólogos foi ofertado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Esse curso tinha uma duração de quatro anos, e era focado em serviços de psiquiatria e psicopedagogia, com ênfase na psicologia aplicada (FÉRES-CARNEIRO; LO BIANCO, 2003).

A partir da década de 1980, houve um aumento na disponibilidade de cursos devido ao investimento das instituições privadas. E, no final dos anos 1990, os cursos de psicologia alcançaram destaque em diversas faculdades e universidades no interior do país. Para Bastos, Gondim e Rodrigues (2010), esse crescimento ao longo dos anos pode ser visto como positivo, uma vez que representa uma conquista de espaço na sociedade e no mercado de trabalho.

Porém, os autores citados anteriormente destacam que a abertura acelerada dos cursos levou a uma certa desvalorização dos profissionais, apesar da expansão da área em empresas privadas e instituições públicas. Nesse contexto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem desempenhado um papel importante no fortalecimento da carreira e na proposição de novos espaços ocupacionais para os profissionais, podendo residir aí um dos desafios históricos para a categoria, o qual consiste em superar as influências do modelo médico nas práticas clínicas e em saúde mental.

Historicamente, a influência do modelo médico, notadamente da psiquiatria interferiram em nossa prática gerando uma tendência à busca por uma atuação que visasse os ajustamentos e/ou as normatizações o que, muitas vezes resvalava para a constituição desse campo da clínica como um espaço hierarquizado e limitador, revelando não só aspectos de nossa herança como também o equívoco de se reduzir essa prática ao seu local de realização, a saber, o consultório (QUADROS, 2012, p. 190).

Destaca-se, ainda, o debate em torno da utilização de técnicas psicodiagnósticas, no sentido de preservar a ética e o uso apropriado desses recursos no exercício das funções. É notório que, no contexto atual da profissão, os testes psicológicos ainda sejam muito empregados. Porém, há práticas emergentes que recorrem a outros dispositivos ou metodologias de trabalho.

A consciência de que uma prática profissional limitada é uma necessidade histórica não é convite a uma postura fatalista. No caso da psicologia, não justifica a paralisia, nem qualquer passividade frente às implicações éticas e políticas de seu exercício profissional. Se é verdade que uma proposta de substituição dos testes por outras formas de avaliação é perigosa – pois, facilmente incorporadas à realização das mesmas finalidades político-sociais, só reforçariam aquilo que criticam –, tal advertência não pode minimizar a atividade contida na postura crítica. A atividade de desvelamento pode sair da academia e ser incorporada a uma ação profissional orientada por valores positivos, ou seja, voltados para a realização da utopia do mundo humanizado (PATTO, 1997, p. 59).

Ao longo dos últimos vinte anos, houve mudanças paradigmáticas em função do perfil dos usuários nos serviços de psicologia e, assim, os profissionais têm priorizado intervenções no nível institucional e comunitário. Essas práticas têm relação com a aprendizagem pautada na problematização, na organização e na condução do ensino por meio de temas emergentes do cotidiano escolar.

A proposta de trabalho por temas problematizadores supõe um ir e vir dialético, teórico e prático, em que a diversidade teórica da psicologia dialoga com as questões problematizadas para a construção de um novo e mais profundo conhecimento do real. Entendemos, portanto, que a organização temática problematizadora favorece as relações teoria e prática e

teoria e cotidiano, que a condução do ensino, apenas por uma sequência de teorias, não consegue efetivar (LARROCA, 2007, p. 66).

Em termos da legislação, a Resolução N° 8, de 7 de maio de 2004, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em psicologia. Tendo em vista os parâmetros das Diretrizes Curriculares, Noronha *et al* (2002) afirmam que o ensino de psicologia deve contemplar a interdisciplinaridade:

A solução para o problema de como ensinar, o que ensinar e quando ensinar, ainda não foi encontrada definitivamente, mas sabe-se que mais do que a quantidade e tipo de teste, o que deve estar presente no currículo escolar é a interdisciplinaridade, ou seja, o aprender de forma integrada, e a ideia de que mais importante que ensinar a aplicação de um teste, deve ser a reflexão sobre a construção e a análise crítica dele. Com isso, o aluno tende a ganhar autonomia para escolher o instrumento que considera mais adequado e eficiente para as diferentes situações profissionais que enfrentará. Desta forma, acredita-se que o aluno não construirá uma visão fragmentada da psicologia e saberá utilizar os instrumentos com mais propriedade (NORONHA *et al*, 2002, p. 157).

De fato, as metas para os cursos de psicologia no Brasil envolvem uma formação crítica e generalista. Tais metas são propostas no seu Art. 5º, das Diretrizes, em que se definem os “Fundamentos teórico-metodológicos que garantam a apropriação crítica do conhecimento disponível, assegurando uma visão abrangente dos diferentes métodos e estratégias de produção do conhecimento científico em psicologia” (BRASIL, 2004, p. 2). Por outro lado, chamando a atenção para os comportamentos a serem aprendidos pelas novas gerações de profissionais, Botomé alerta que:

No cerne dessas necessidades [...] parece estar a exigência de identificar comportamentos importantes para o exercício da profissão de psicólogo no País e a de organizá-los em condições que efetivamente aumentem a probabilidade de sua ocorrência no âmbito dos processos de capacitação e formação desse profissional, nas instituições de ensino superior que têm a responsabilidade (o papel, a função social) de acolher jovens para prepará-los para realizar o trabalho típico desse campo de atuação profissional na sociedade (BOTOMÉ, 2006, p. 174).

Segundo Carvalho, a “atuação psicológica” é um conceito que precisa ser melhor definido para os alunos.

As atuações claramente percebidas como psicológicas são as que envolvem as técnicas específicas e problemas específicos com os quais o psicólogo entrou em contato durante sua formação. Nesse sentido, a limitação no conceito de atuação psicológica, que encontramos nestes psicólogos, reflete também a pequena diversidade de modelos de atuação a que são expostos nos cursos (CARVALHO, 1984, p. 8).

Após mudanças nas Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em psicologia, houve maior abrangência nas seguintes áreas: clínica; avaliação; organizacional; educacional e escolar; social e comunitária; saúde e hospitalar; jurídica e, por fim, docência e pesquisa. Mas permanece uma questão histórica:

Quando se discutem e decidem mudanças nos currículos de formação dos profissionais, frequentemente temos nos deparado com uma questão que parece ser crucial e ponto de partida para grande parte daquelas decisões: que características tem o psicólogo, quem é esse profissional que queremos formar? (BETTOI; SIMÃO, 2000, p. 20).

As discussões a respeito da formação, do perfil do profissional e da consolidação no mercado de trabalho foram intensificadas, trazendo à tona a dicotomia entre o perfil generalista e o especialista. A busca por soluções para mediar as demandas dos novos profissionais é contínua e árdua, e sobretudo, perpassa a identidade dos futuros psicólogos.

Para ilustrar a situação do profissional, destacamos o levantamento feito por Bastos, Gondim e Rodrigues (2010), o qual indica os seguintes percentuais: 62,1% atuam exclusivamente em psicologia; 22,1% em mais de uma área de trabalho fora da psicologia; 9,1% não atuam em áreas da psicologia; 5,2% estão desempregados, e 1,4% nunca atuaram como profissionais psicólogos.

Nota-se que, apesar das dificuldades em termos de remuneração, grande parte dos alunos recém-formados estão inseridos no exercício da profissão, atuando diretamente com a psicologia. Atualmente, o psicólogo passou a atuar em vários âmbitos do serviço público brasileiro, deixando a psicologia de ser uma prática exclusiva de consultórios particulares, e, assim, ampliando a atuação para o enfoque social e comunitário.

Diante das contribuições da abordagem sócio-histórica, a psicologia passou a investigar o indivíduo num enquadramento contextual. Nessa direção, Bock aponta que é cada vez mais evidente a importância do compromisso ético e político do profissional psicólogo.

Assumir um compromisso social em nossa profissão é estar voltado para uma intervenção crítica e transformadora de nossas condições de vida. É estar comprometido com a crítica desta realidade a partir da perspectiva de nossa ciência e de nossa profissão [...] para que se possa cada vez mais compreender a realidade que nos cerca e atuarmos nela para sua transformação no sentido das necessidades da comunidade social (BOCK, 1999, p. 327).

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2001), tem como enfoque analisar os significados, valores, percepções, e experiências, averiguando fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Foram realizadas entrevistas abertas, utilizando um roteiro específico semiestruturado. As entrevistas ocorreram numa Clínica Integrada de psicologia e fisioterapia, e tiveram duração de aproximadamente 40 minutos. Foram utilizados gravadores com o objetivo de garantir a integridade dos dados obtidos e, posteriormente, as entrevistas foram submetidas a uma transcrição literal. Além disso, foi aplicado um questionário sociográfico com perguntas fechadas, elaborado pelos pesquisadores. O estudo pautou-se na técnica denominada Análise de Conteúdo para o tratamento dos dados coletados. A Análise de Conteúdo nos permite a interpretação das informações contidas nas mensagens, com procedimentos sistemáticos e objetivos na descrição das falas (BARDIN, 1977).

## Participantes do estudo

Os participantes eram graduandos de um curso de psicologia de uma instituição comunitária do interior paulista, selecionados de forma randômica, por meio de sorteio. Os dados dos entrevistados foram colhidos por meio da utilização de um questionário sociográfico, descrito na Tabela 1:

*Tabela 1 – Caracterização dos participantes*

Entrevistado (a)	Idade	Sexo	Estado Civil	Renda familiar (salários mín.)
E1	22	Feminino	Solteira	De 4 a 5
E2	22	Feminino	Solteira	De 4 a 5
E3	37	Masculino	Solteiro	De 1 a 3
E4	47	Feminino	Casada	De 4 a 5
E5	38	Feminino	Solteira	Menor que 1

Fonte: Pesquisa de campo 2014.

## Resultados e discussão

A seguir, constam as categorias temáticas, obtidas após a leitura exaustiva do material empírico. Foram selecionadas as falas significativas e singulares, as quais contemplam os objetivos da pesquisa. Diante disso, elencaram-se cinco categorias para abarcar a complexidade e a riqueza das entrevistas, a saber: escolha da carreira; a psicologia como profissão de ajuda; Psicologia: mercado de trabalho e opinião pública; diversidade teórica e áreas de atuação; estágio supervisionado e o vínculo com professores; o ensino e a aprendizagem: a teoria e a prática.

### *Escolha da carreira: a psicologia como profissão de ajuda*

Nesta categoria os estudantes discorreram sobre os fatores que influenciaram na escolha da carreira profissional. É possível notar distintas motivações, com destaque para a identificação com professores, dificuldades financeiras, influência familiar, interesse pelo comportamento humano, e altruísmo. No processo de decisão, comum ao grupo, destacou-se a importância atribuída às pessoas próximas e influentes na história de vida. Percebe-se a representação do psicólogo associada a um discurso benevolente de cuidado, desprovido da pretensão transformadora na realidade social dos sujeitos. Cabe ressaltar “que os discursos e fazeres dos psicólogos repercutem crenças, desconfianças, interesses, projetos, necessidades e expectativas socialmente enraizadas. O caráter multifacetado da disciplina daí se origina (TOUTINHO; NETO; NENO, 2004, p. 24).

“Eu queria fazer odonto [...] tinha que fazer em outra cidade [...] meu pai deu piti [...] ele disse que não pagava nenhuma faculdade, se eu quisesse eu que teria que trabalhar e pagar [...] eu não queria trabalhar” – E1.

“Mesmo que eu não tivesse todo o embasamento teórico que eu teria na empresa, quando o professor falava, eu já tinha a vivência, então isso fazia muita diferença” (referindo-se ao estágio no outro curso) – E5.

“Achei que deve ser muito bom poder ajudar as pessoas [...] eu não sabia que existia esse trabalho de você poder ajudar as pessoas[...] às vezes você conforta um, ouve um e tal [...] então isso é muito bom” – E3.

“No colegial a gente tinha psicóloga na escola, e eu gostava [...]. O psicólogo ajudava as pessoas, então eu queria ser psicóloga” – E5.

“Eu não tinha exatamente uma expectativa, eu tinha uma curiosidade para entender o ser humano [...] eu sempre quis saber o que estava por trás disso” – E4.

Os participantes possuíam conceitos e ideias iniciais sobre a atuação profissional como psicólogo. Esses conhecimentos anteriores influenciaram as escolhas, configurando sentidos sobre a vida acadêmica. A noção de psicologia apresentada pelos alunos converge para uma profissão que, em sua essência, auxilia o ser humano em seus conflitos psíquicos. Porém, cabe a reflexão sobre como os futuros profissionais podem colocar esse ideal em prática. Há várias formas de mediar profissionalmente o sofrimento humano, promovendo a saúde e a qualidade de vida. Para Martin-Boró (1997), o psicólogo deve assumir uma postura que seja capaz de promover a conscientização dos grupos e indivíduos. Contudo,

[...] se, por um lado, os psicólogos revelam ter consciência da importância de se trabalhar, predominantemente, na perspectiva coletiva e social, as instituições ainda cobram uma atuação voltada para o individual. E, no que diz respeito à formação recebida, o cenário permanece inalterado, a ênfase para a clínica ainda é muito forte (BARRETO; CALAFANGE; LIMA, 2009, p. 268).

Na mesma direção, segundo Paiva; Yamamoto (2010, p. 155), o debate sobre os problemas sociais não faz parte da formação básica da graduação em psicologia. E, não se trata de uma crítica ao “atendimento individual, mas sim a pura e simples transposição de um modelo clínico para um trabalho que requer dimensões sociais e políticas muito mais abrangentes”. Soma-se a isso que

[...] a inserção em equipes multiprofissionais em diversos serviços e a participação, com outras categorias profissionais, da oposição à lei do ato médico também conferiram visibilidade e protagonismo à psicologia, oportunizando a ruptura da concepção psicoterápica oriunda do modelo clínico predominante (ZILLOTTO; BENVENUTTI; MATIELLO & PEIL).

Na ruptura com formas tradicionais de atuação entendemos que novos horizontes podem ser traçados pelos alunos, para além da atuação em clínica individual. Nessa proposta, a formação em psicologia envereda para a atuação de um profissional que busque auxiliar as pessoas a chegarem a um saber crítico sobre si e sobre sua realidade. E, assim, como consequência dessa prática inovadora, “assume-se como óbvio o trabalho de desalienação da

consciência individual, no sentido de eliminar ou controlar aqueles mecanismos que bloqueiam a consciência (MARTIN-BORÓ, 1997, p. 17).

*Psicologia: mercado de trabalho e opinião pública*

Nesta categoria, os estudantes apontaram os primeiros contatos com a profissão, tanto em experiências anteriores ao curso, como na prática dos Estágios Supervisionados. Percebe-se que ao ingressarem na graduação, os estudantes representam a profissão a partir de dificuldades no mercado de trabalho, surgindo sentimentos como a insegurança e a pressão social pela escolha da carreira. A angústia, ao ingressar no curso noturno, aponta para possíveis riscos de um investimento na educação com retorno financeiro incerto.

“Logo que eu comecei a conhecer [...] eu pensava em psicologia jurídica [...] pensando nossa quero trabalhar na área jurídica [...] quando tinha aquelas matérias de pesquisar todas as áreas [...] logo no primeiro ano [...]. Tenho medo de pegar um emprego e não dar conta de exercer um bom papel, eu tenho medo de não conseguir um emprego, eu tenho medo de só ter uma remuneração” – E1.

“Eu não conseguia fazer terapia com psicólogos [...] tudo que eu vi fora [...]. Na atuação dos profissionais [...]. A hora que acabar a faculdade o primeiro emprego que aparecer, com certeza eu vou ter que pegar” – E5.

“Eu tenho vontade de trabalhar na área pública, tenho vontade de prestar um concurso e tenho vontade de abrir uma clínica [...] arrumar um trabalho [...] continuar estudando. Não queria fazer outra coisa” – E4.

“A gente viu mais também sobre a prática de estágio agora no final, né? Sobre mercado de trabalho, sobre os problemas que a psicologia tem” – E4.

“O psicólogo tem que ter uma postura ética. Ele não pode ser ético só dentro do consultório. Ele tem que ser uma pessoa ética na vida. O fato de ser um psicólogo pesa muito” – E5.

As falas dos alunos evidenciam que um dos componentes marcantes na formação está em atender as pressões sociais por inclusão no mercado de trabalho e obter independência financeira. Além disso, eles deram ênfase às questões ligadas à imagem pública do psicólogo, pois, estavam preocupados com exemplos e práticas profissionais que poderiam estar fora dos parâmetros éticos. Apesar de esforços do Conselho Federal de Psicologia, Sindicatos de Psicólogos, Entidades e Associações Científicas, que prezam pelo trabalho pautado no compromisso social e na articulação cotidiana do conhecimento acadêmico, a imagem pública do psicólogo, às vezes, surge na berlinda como alvo de críticas que não podem ser desprezadas, pelo contrário, servem como estímulo para investimento contínuo na formação visando a eficácia nos resultados. Segundo Souza Filho, Oliveira e Lima (2006), prevalece a percepção de que o psicólogo atua enquanto um profissional de promoção da saúde mental. Esta visão não é incorreta, não obstante deixar de prestigiar outros ramos de atuação. Mas, além disso:

[...] os estudantes, muitas vezes, não se sentem preparados subjetivamente para ocupar o lugar de profissionais. O final do curso de graduação impõe que se deixe para trás o papel desempenhado até então, o qual organizava a vida e trazia relativa serenidade, para assumir o papel de profissional, com atribuições e vicissitudes desconhecidas e capazes de gerar inquietações (LUZ; LEVANDOWSKI, 2006, p. 69).

A abertura de novos espaços no mercado de trabalho reforça o comprometimento com uma formação crítica e contextualizada com a realidade brasileira. Os formandos precisam estar atentos às técnicas grupais, ao trabalho no âmbito institucional e comunitário. Mas, além disso, da mesma forma que se destacam essas técnicas inovadoras para a psicologia, ainda é necessário que os estudantes da área atuem em conjunto com a assistência social, o que reforça reflexões sobre a realidade material dos sujeitos, a dimensão política e filosófica que envolve a intervenção social (PAIVA; YAMAMOTO, 2010).

E, além disso, cabe a reflexão sobre as habilidades sociais necessárias para o futuro profissional da área lidar com as situações críticas na formação.

Embora se possa esperar que um curso, como o de psicologia, por suas próprias peculiaridades, promova aquisições relevantes na habilidade de lidar com tais situações, elas impõem limitações à questão geral da adequação do currículo às necessidades de formação específica para atuação nessa área. De algum modo, a programação de ensino voltada para o desenvolvimento de habilidades de interação social envolvidas na atuação profissional do psicólogo, deveria tomar como base tais habilidades e estabelecer habilidades, requisitos ou componentes a serem promovidos ao longo do curso (PRETTE; PRETTE; BRANCO, 1992, p. 48).

A noção de que as demandas para o psicólogo crescem em vários setores, devem caminhar na mesma direção dos instrumentos, técnicas e referenciais teóricos consolidados que devem estar contemplados nos componentes curriculares, e as habilidades sociais surgem como surgem. Desta forma, a experiência angustiante de conseguir o êxito profissional e uma boa remuneração pode ser, aos poucos, superada com conquistas importantes no contexto das práticas emergentes, seja nas políticas públicas de Saúde e da Assistência Social no Brasil.

Sobretudo, a construção da identidade profissional para os psicólogos é uma tarefa difícil, com destaque para a fragilização dos limites entre as áreas de atuação. Para Gondim *et al* (2002), esse fenômeno é bastante comum nas ciências humanas. A autora confirma essa tendência em sua pesquisa com alunos concluintes de uma universidade pública. “Embora alguns participantes conseguissem mencionar habilidades gerais e específicas requeridas no mercado de trabalho, estas se apresentaram de modo fragmentado (GONDIM *et al*, 2002, p. 303).

#### *Diversidade teórica e áreas de atuação*

Nesta categoria, os estudantes discorrem sobre o conhecimento e a aprendizagem significativos para a formação. Percebe-se a ressignificação de saberes e informações como anteriores ao ingresso no curso. Os relatos concentram-se na avaliação da postura perante o outro e, sobretudo, no encontro com a psicologia em sua multiplicidade teórica. Novos olhares e perspectivas sobre a profissão foram introduzidos a partir de experiências com estágios em psicologia escolar, psicologia jurídica, e psicologia da saúde. Os formandos apontaram aspectos da realidade atual da profissão em sua luta por espaços, as resistências e aberturas para o trabalho, bem como as áreas que despontam com boa remuneração no serviço público.

“Naquela escola ninguém me queria lá, e aí eu tive que saber separar [...] então foi bem difícil elaborar [...] e a (professora) deu todo um respaldo” – E1.

“É muito mais do que eu pensei [...] tem muito mais coisas para se ver do que talvez eu desse conta, em cinco anos” – E2.

“Tenho que melhorar muito, eu acho que eu tenho que aprender muita coisa [...] acho que eu tenho que ter mais confiança em mim [...]. Acho que eu mudei muito [...] antes eu falava tudo que vinha na minha cabeça [...] não me policiava [...] não media muito as consequências, agora não, na maioria das vezes eu fico muito é quieto” – E3.

“Não era uma ciência que tinha uma unidade [...]. Tinha várias psicologias, que tinha vários olhares, eu achei que fosse uma coisa só, achei que fosse Freud, não sabia exatamente o que Freud falava, mas achava que era uma coisa só” – E4.

As descobertas, ao longo da graduação, implicam no encontro com a dispersão teórica e prática. Não há uma unidade, epistemológica e ontológica, capaz de abarcar a psicologia enquanto ciência e profissão. Segundo Figueiredo (1992), atordoados pelas divergências e ansiando por convergências, os psicólogos podem enveredar por caminhos como o dogmatismo ou o ecletismo. O autor alerta para uma postura mais profícua na compreensão daquilo que parece caótico, mas que possui sua própria organização. É nessa direção que se avalia o amadurecimento dos alunos, ou seja, quando eles são capazes de vislumbrar, no apanhado de informações e conhecimentos, uma abordagem coerente em seus fundamentos e que traga referências sobre o homem, a sociedade e a cultura.

A escolha do curso de psicologia foi mediada por significados construídos socialmente, onde o psicólogo surge associado à figura do terapeuta, especialista em saúde mental, que atua na clínica individual. Contudo, a diversidade teórica e metodológica pode ser enriquecedora para o aluno em sua trajetória acadêmica, ampliando o olhar sobre as possibilidades de atuação. Pensar a formação na pluralidade de ideias, concepções e métodos de trabalho envolvem o que os próprios formandos apontam como uma “renúncia”. Neste âmbito da análise, compreende-se que atuar de forma ética e crítica exige, também, algumas renúncias. O aluno em formação é instigado a repensar seus valores e ideais cristalizados, os quais podem enveredar para julgamentos e estereótipos. Contudo, isso não implica numa posição de questionamento constante, mas reforça a necessidade desses alunos ponderarem sobre as suas práticas, técnicas e instrumentos úteis.

#### *Estágio supervisionado e o vínculo com professores*

Nesta categoria, percebe-se o vínculo entre os professores e os alunos como uma diretriz na escolha dos estágios ao final do curso, bem como nas projeções sobre a atuação futura no mercado de trabalho. Todos os estudantes mencionaram a identificação e os vínculos com os professores como fator decisivo na escolha das abordagens teóricas, sobretudo na escolha do supervisor em psicologia clínica.

“Mas chegou no último ano e teve aquele estágio na saúde com a (professora), eu balancei [...] vixi, agora eu gostei da Saúde [...] porque eu gostava muito da Saúde, com a professora” – E1.

“Estágio que eu fiz com ela ano passado [...] minha base que eu tenho, tanto é que a área que eu sinto que eu tenho mais domínio [...] é a educacional, porque a professora me forneceu bases para isso” – E2.

“Não sei se os professores me influenciaram propositalmente [...] pela forma dele ensinar mesmo, talvez isso tenha me influenciado sim eu acho” – E3.

“Não tem como você não querer ser, se espelhar nessas pessoas, porque eles vão ser espelho para a gente mesmo [...]. Por ter escolhido essa profissão eu acho que a gente vai renunciar a muitas coisas que outras pessoas podem fazer [...] ser um ser politizado, é ser um ser que sabe, que tem uma autocrítica, que tem um olhar crítico” – E5.

Mesmo que a figura do professor remeta à autoridade, tão intimamente ligada à figura paterna, os universitários indicaram a presença de segurança, proximidade e intensa identificação com os professores durante a graduação. Apesar da vinculação com os professores, é notório que, nos últimos anos da formação, ocorrem as exigências dos estágios e os alunos sentem aumentar a ansiedade. E, “em ambas as situações – na teoria ou na prática – durante todo o período do curso, existem fatores que podem acarretar angústias e conflitos associados à história de vida de cada um” (MEIRA; NUNES, 2005, p. 481).

Ao final do curso, acentua-se o aspecto afetivo com os docentes que, no exercício da função didática e pedagógica na sala de aula, promoveram experiências significativas e motivaram os alunos na descoberta de suas competências e habilidades. Mas, cabe o alerta nessa vinculação com os professores responsáveis pelos últimos momentos da formação universitária: se imaginarmos que o futuro psicólogo concebe o profissional de sua área como alguém que estuda para atuar em uma única área, e concebe essa atuação como algo que se caracteriza pelos atributos pessoais dos professores, estamos diante de um dilema (BETTOI; SIMÃO, 2000). O papel dos professores no estímulo à autocrítica e ao olhar politizado dos formandos ganha proporções importantes para que o aluno tenha condições de relativizar posturas e alcançar a independência em sua trajetória profissional.

### *O ensino e a aprendizagem: a teoria e a prática*

Nesta categoria, os entrevistados discorrem sobre sua trajetória durante o curso, relacionando a teoria com a qual entraram em contato com a prática nos estágios do último ano. Destacou-se a insegurança devido ao encontro com os desafios da realidade da profissão, bem como a intenção de continuar os estudos após a graduação. As angústias diante das escolhas de abordagem no Estágio em psicologia clínica também surgiram como um ponto crítico para os formandos.

“Eu acho que tinha que colocar matéria, agora ou antes, de terapia de grupo para nós fazermos, eu acho que seria muito rico tirar essas duas aulas e fazer um atendimento na clínica e gerenciar uma terapia em grupo” – E1.

“A questão do conhecimento eu fico meio na dúvida [...] agora que eu tive contato com outras coisas e não me senti tão perdida, mas também não me senti assim dona de um conhecimento” – E2.

“Houve momentos em que teve um tempo maior de folga, que foi mais tranquilo, então nesses momentos aí eu fiquei bem sossegado [...] eu acho que eu vou correr atrás do prejuízo ainda” – E3.

“Vou buscar uma especialização agora – [...] sair dessa situação desconfortável que eu me encontro” – E4.

“Eu acho que deveria haver mais prática, para que o aluno possa realmente assimilar aquilo que ele está fazendo [...]; toda vez que eu ponho a mão na massa eu aprendo muito mais do que só ouvir” – E5.

A relação teoria e prática se dá de forma concreta quando o aluno é desafiado pelas vivências nos campos de estágio, em particular no último ano, quando o aluno tem a possibilidade de utilizar o aparato teórico introduzido durante os quatro anos de curso. Os encontros com a prática profissional revelam que a experiência de estágio pode favorecer uma visão realista do mercado de trabalho e uma avaliação crítica da formação, diante de um momento decisivo para o graduando e para a construção de uma identidade profissional (MELO; BORGES, 2007). Sobretudo, nota-se que os alunos trazem inseguranças que perpassam um certo distanciamento entre os recursos adquiridos na teoria e as técnicas importantes para o exercício prático da profissão.

Diante das transformações do mundo atual e das diferentes exigências do trabalho e da profissão, é necessário desenvolver competências essenciais para agir de forma eficaz, segura, consequente e antecipatória, visando reduzir riscos para si e para os outros. Em sentido geral, saber cuidar da inserção e do desenvolvimento profissional, no contexto das transformações do mundo do trabalho e no da organização dos espaços vitais de aprendizagem e de interações humanas (CRUZ; SCHULTZ, 2009, p. 119).

Com efeito, é necessário reconhecer que, no período de finalização do curso, as inseguranças e angústias são agravadas, principalmente no tocante à vida profissional. Por outro lado, a formação em psicologia, segundo as Diretrizes Curriculares, contempla a realização de estágios desde os primeiros anos da formação. É relevante que os alunos aproveitem essas oportunidades desde o início do curso, o que poderá contribuir para que se

sintam mais seguros durante os momentos decisivos que ocorrem no último ano da graduação. Além disso, durante as discussões teóricas nas aulas é possível que os próprios alunos questionem os docentes sobre as contribuições para a prática profissional; trata-se de uma postura ativa e participativa importante para ambos, docentes e formandos.

### **Considerações finais**

O presente trabalho analisou os significados da graduação em psicologia construídos por alunos que cursavam o último ano. Nota-se que houve um vínculo próximo entre os formandos e os docentes durante o desenvolvimento das ações práticas no curso. Esse fato consistiu num determinante importante para a escolha das áreas de atuação após a conclusão do curso. Por outro lado, no encontro com a prática dos estágios, os alunos destacaram a necessidade de ampliar os espaços conquistados. Essa demanda coletiva despontou em meio às adversidades e resistências da opinião pública perante a função social dos psicólogos. O período de finalização do curso se mostra como extremamente relevante para se pensar o processo de construção da identidade dos psicólogos, uma vez que esse momento é marcado por dúvidas, incertezas e expectativas no tocante à vida profissional. Chamou a atenção, também, que o contato dos alunos com as diversas teorias e técnicas permitiu vários momentos de reflexão sobre a ética e a alteridade. Trata-se de um tipo de experiência essencial para o profissional engajado com sua realidade social.

Tendo em vista a origem e os conceitos iniciais desses alunos, a análise das falas nos permitiu compreender o quanto a formação em psicologia pode ser transformadora, fomentando descobertas de potencialidades no encontro com o sofrimento humano. As representações iniciais sobre a ciência psicológica apontam para fatores como a benevolência, autoanálise, respostas dogmáticas acerca do comportamento humano, e unicidade da teoria psicológica. Esses fatores constituintes da subjetividade dos alunos, no momento do ingresso no curso, foram, aos poucos, sendo repensados e aproximados de maneira coerente com a profissão. Esses significados entram em contradição com a realidade do atual mercado de trabalho para os formandos, onde a intervenção institucional e comunitária tem ganhado espaço e relevância pública.

Os profissionais recém-formados precisam atender a essas novas e urgentes demandas sociais, diante de indivíduos e categorias sociais historicamente excluídas dos serviços de psicologia. E, nesse contexto, surge a tensão entre o nível teórico e o nível prático da formação. Esta pesquisa indica que os formandos em psicologia, em processo de aprendizagem para inclusão no mercado de trabalho, precisam superar as angústias e

inseguranças, as quais são comuns em momentos tão decisivos como a conclusão de um curso no Ensino Superior. Essa superação poderá contribuir, efetivamente, para a construção de uma identidade profissional compatível com o cenário atual da psicologia no Brasil.

## Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BARRETO, M. A., CALAFANGE, P. A. F. R. D.; LIMA, Z. P. Estudo com psicólogos escolares: Ações e desafios. **Psicologia Argumento**, v. 27, n. 58, p. 261-269, 2009.
- BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 9, n. 1, p. 6-15, 1989.
- BERNARDES, J. S. A formação em Psicologia após 50 anos do primeiro currículo nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 216-231, 2012.
- BETTOI, W.; SIMÃO, L. M. Profissionais para si ou para outros? Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 20, n. 2, p. 20-31, 2000.
- BOCK, A. M. B.; A psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.
- BOTOMÉ, S. P. Comportamentos profissionais do Psicólogo em um sistema de contingências para a sua aprendizagem. **REBAC – Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 2, n. 2, 2012, p. 174-189.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES Nº 8**: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, 2004.
- CARVALHO, A. M. A. Atuação psicológica. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 4, n. 2, p. 7-9, 1984.
- CRUZ, R. M; SCHULTZ, V. Avaliação de competências profissionais e formação de psicólogos. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 61, n. 3, p. 117-127, 2009.
- FÉRES-CARNEIRO, T.; LO BIANCO, A. C. Psicologia clínica: uma identidade em permanente construção. In: YAMAMOTO, O. H.; GOUVEIA, V. V. (Orgs.). **Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 99-119.
- FIGUEIREDO, L. C. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**. São Paulo: Escuta, 1992.

- GONDIM, S. M. G., BASTOS, A. V. B.; PEIXOTO, L. S. A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In: BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G. (Orgs.). **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 174-189.
- LAROCCA, P. Ensino de Psicologia e seus fins na formação de professores: uma discussão mais que necessária. **Temas em Psicologia**, v. 15, p. 57-68, 2007.
- LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, p. 718-737, 2009.
- LUZ, F.; LEVANDOWSKI, D. C. **Psicologia Argumento**, v. 24, n. 47 p. 61-72, 2006.
- MARTIN-BARO, I. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n.1, p.7-27, 1997.
- MEIRA, C. H. M. G.; NUNES, M. L. T. Psicologia Clínica, Psicoterapia e o estudante de Psicologia. **Paidéia**, v. 15, n. 32, p. 339-343, 2005.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NORONHA, A. P. P.; OLIVEIRA, A. F., COBÊRO, C.; PAULA, L. M.; CANTALICE, L. M.; GUERRA, P. B. C.; MARTINS, R. M. M.; FILIZATTI, R. Instrumentos psicológicos mais conhecidos por estudantes do sul de Minas Gerais. **Avaliação Psicológica**, v. 1, p.151-158, 2002.
- PAIVA, I. L; YAMAMOTO, O. H. Formação e prática comunitária do psicólogo no âmbito do “terceiro setor”. **Estudos de psicologia**, v. 15, n. 2, p. 153-160, 2010.
- PATTO, M. H. S. Para uma Crítica da Razão Psicométrica. **Psicologia USP**, v. 8, n. 1, p. 47-62, 1997.
- PRETTE, A. D.; PRETTE, Z. A. P. D.; BRANCO, U. V. C. Competência social na formação do psicólogo. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, n. 2, p. 40-50, 1992.
- QUADROS, L. Desafios da prática clínica na formação de psicólogos: revendo fronteiras e criando possibilidades. **Revista IGT na Rede**, v. 9, n. 17, p. 187-199, 2012.
- SOUZA FILHO, M. L.; OLIVEIRA, J. S. C.; LIMA, F. L. A. Como as pessoas percebem o psicólogo: um estudo exploratório. **Paidéia**, v. 16, n. 34, p. 253-261, 2006.
- TOURINHO, E. Z.; NETO, M. B. C.; NENO, S. A Psicologia como campo de conhecimento e como profissão de ajuda. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 595-596, 2004.
- ZILLOTTO, D. M.; BENVENUTTI, J.; MATIELLO, M.; PEIL, S. Concepções e expectativas de estudantes de psicologia sobre sua futura profissão. **Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 82-92, 2014.